

A ESCRITA DO AFETO NAS DEDICATÓRIAS DE JOSÉ MARTÍ

Amanda Leite de Sampaio*

Na trajetória do intelectual revolucionário José Martí (1853 – 1895) é de forte presença em sua escrita do afeto as dedicatórias, costume corrente durante o século XIX. Tenho como caminho para a escrita do afeto em José Martí um *corpus documental* formado pelas cartas pessoais, dedicatórias e diários nos quais Martí dedicou seus escassos momentos de descanso e qualquer lampejo donde fosse possível por em letras sentimentos.

Desde os dezesseis anos José Martí se identifica com a causa a qual dedicaria sua trajetória: a independência de Cuba e de *Nuestra América*. José Martí foi um homem que sem perder a face da humanidade e de suas raízes se fez intelectual, poeta, escritor, revolucionário, militante, jornalista, um homem de muitas faces humanas, como diria Florestan Fernandes. A obra do intelectual cubano caminha por vários gêneros onde podemos apontar com destaque o teatro com obras como *Abdala* (1869), *Amor con amor se paga* (1875) e *Amistad Funesta* (1885); a poesia, contendo obras como *Ismaelillo* (1882) e *Versos Sencillos* (1891); além de traduções e uma infinidade de escritos no gênero da crônica histórica e do jornalismo.

No presente artigo trabalho com uma série de dedicatórias – escritas de próprio punho pelo intelectual e impressas em alguns dos livros que publicou em vida – publicadas em suas Obras Completas (1963-1965), volume vinte; na Edição Crítica das Obras Completas de José Martí (2007), tomo quinze; e no livro José Martí: documentos familiares (2008), compilado por Luis García Pascual. Para este artigo optei por trabalhar com um conjunto de dedicatórias a partir de um suporte material específico: os recados afetuosos escritos de próprio punho em dois livros de poema de Martí – *Ismaelillo* e *Versos Sencillos* – além das dedicatórias impressas nos dois livros. Além de *Ismaelillo* e *Versos Sencillos*, trabalho com uma dedicatória escrita em um livro de ciências naturais¹.

Através da dedicatória escrita por Martí é possível refletir acerca da relação que o intelectual mantém para com o destinatário, tendo ainda como interessante chave de reflexão o suporte material no qual escreve. Tendo em vista esse tema singular à obra martiana a pesquisadora do Centro de Estudios Martianos², Carmen Suárez León³, aponta em nota publicada no Anuario del Centro de Estudios Martianos nº 29 a possibilidade de observar a dedicatória como uma ponte criada entre escritor e destinatário. A metáfora da ponte torna-se

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Ceará (UFC). Email: amandadesampaio@gmail.com



interessante para pensar as conexões feitas pelo escritor a partir de variadas temáticas pertencentes ao seu universo.

La dedicatoria martiana, por lo general breve y siempre cargada de sentimiento, es un puente tendido entre el creador y el destinatario, brevísimas frases en las que un nombre matizado por cualquier modificador, un simple giro sabio, nos ofrecen el etos o la condición física del receptor tanto como el impacto emocional que en el autor tiene la persona a la que se dirige. (LEÓN in Anuario Centro de Estudios Martianos, 2006, p. 06)

Martí publica em Nova York, no ano de 1882, o livro de poesia *Ismaelillo*. No livro existe uma dedicatória impressa ao seu único filho, José Francisco Martí y Zayas-Bazán. Das dedicatórias escritas de próprio punho por Martí em exemplares de *Ismaelillo* são conhecidas as dos exemplares destinados para suas irmãs Leonor e Amelia Martí y Pérez, Estanislao S. Zeballos, Eligio Carbonell e Luiz Baralt y Peoli.

Quando Martí escreve os quinze poemas que integram *Ismaelillo*, provavelmente nos anos de 1880 e 1881 entre Nova York e Caracas, o intelectual estava distante da esposa Carmen Zayas-Bázan e do filho José Francisco. É recorrente na escrita de Martí traços formados por sentimento como o da ausência, sendo também o processo da escrita uma forma de expressão dos sofrimentos provocados pelo exílio.

Com a distância o filho torna-se refúgio e fé gravados nas letras que provavelmente José Francisco só entenderá quando não mais puder compartilhar da presença de seu pai. Essa escrita do exílio e da ausência é também uma escrita da esperança na qual Martí não perde de vista a crença na vida e nos sentimentos que carrega e espera que cheguem ao filho. Na dedicatória impressa em *Ismaelillo* é possível acompanhar as conexões que Martí realiza para com o filho:

Hijo:
Espantado de todo, me refugio en ti.
Tengo fe en el mejoramiento humano, en la vida futura, en la utilidad de la virtud, y en ti.

Si alguien te dice que estas páginas se parecen a otras páginas, diles que te amo demasiado para profanarte así. Tal como aquí te pinto, tal te han visto mis ojos. Con esos arreos de gala te me has aparecido. Cuando he cesado de verte en una forma, he cesado de pintarte. Esos riachuelos han pasado por mi corazón.
¡Lleguen al tuyo! (MARTÍ, 2007, p. 17)



Martí e o filho em 1879 provavelmente em Havana.



Martí e o filho em 1880 provavelmente em NY.

Dentre as dedicatórias que Martí escreve a mão em exemplares de *Ismaellilo* – exemplares que envia de presente para amigos - destaco como elemento de força as relações entre pais e filhos. Das dedicatórias escritas a próprio punho conhecidas, é possível sempre encontrar esse nexos com o destinatário. Na dedicatória escrita para Luis Baralt y Peoli (1849-1933), jornalista, médico e professor cubano que residia na cidade de Nova York, Martí presenteia o livro que classifica como seu “pecado de amor” ao filho ausente: “A Luis Baralt, hombre verso, que sabrá perdonar este pecado de amor. José Martí” (MARTÍ, 1963-1965, p.509).

Martí presenteou também o seu *Ismaellilo* para Eligio Carbonell (1867-1899), filho primogênito de Néstor L. Carbonell (1846-1923) quem também compartilhava dos ideais independentistas. Martí aproximou-se de Eligio durante visita a Tampa, na Flórida, forte reduto da emigração cubana e sede de um dos clubes patrióticos de emigrados cubanos.

A partir da guerra de independência de 1868 em Cuba, e com a violenta repressão das autoridades coloniais inicia-se um forte processo migratório de cubanos rumo a algumas cidades estadunidenses (MESA, 2002, p. 23). Pela proximidade geográfica, uma notável quantidade de barcos que faziam a rota entre a costa de Havana e da Flórida, e a instalação de fábricas de tabaco, cidades como Cayo Hueso e Tampa tornaram-se destino comum para os emigrados cubanos, como nos mostra David González Gross em artigo publicado na Revista Honda nº 34, publicação da Sociedad Cultural José Martí. Com o crescimento do número de trabalhadores cubanos nas duas cidades se instauram também os ideais independentistas e com eles os clubes patrióticos. Martí desenvolve uma forte relação patriótica com os emigrados cubanos, tendo a emigração de Tampa o convidado, em 1891, para que esteja na cidade e compartilhe seu verbo independentista.

Na dedicatória que Martí escreve para Eligio Carbonell encontramos, como apontado anteriormente, a dedicatória conectada com a expressão de força que contém o livro de poemas *Ismaelillo*. No exemplar que dedica para Eligio, Martí escreve: “Este libro de hijo, a Eligio Carbonell, el mejor de los hijos. Su José Martí” (MARTÍ, 1963-1965, p.511).

A dedicatória não está datada, mas é provável que tenha sido escrita nos primeiros anos da década de noventa do século XIX, uma vez que é esse o período em que Martí realiza a viagem para Tampa e é também desse período, precisamente em 19 de dezembro de 1891, o registro de uma carta de Martí para Eligio.

O adjetivo que dedica ao jovem, “el mejor de los hijos”, é, talvez, para Martí um dos elogios mais carregado de distintos significados, pois ser o melhor dos filhos tem uma dupla significação para o intelectual que era o único filho homem de sua família e sempre se viu atormentado pela pobreza de sua casa e a dificuldade em ajudar materialmente os pais, além de tocar no sentimento em relação ao seu único filho, José Francisco, a quem desejou ter ao lado e compartilhar os ideais pela independência de Cuba assim como Eligio parecia compartilhar com seu pai.

Essa relação entre pai e filho aparece em algumas dedicatórias escritas em *Ismaelillo* como é exemplo também a edição dedicada ao argentino Estanislao S. Zeballos (1854-1923) agente diplomático no Brasil e nos Estados Unidos, país em que provavelmente manteve amizade com Martí. A dedicatória datada em Nova York, no ano de 1893, anuncia: “Al Sr. Estanislao S. Zeballos, que tiene un hijo, su amigo y servidor, José Martí” (MARTÍ, 1963-1965, p. 524).

Ainda em *Ismaelillo* são conhecidas duas outras dedicatórias à suas irmãs Leonor Martí y Pérez, conhecida como Chata, e Amelia Martí y Pérez. Para Leonor, Martí dedica o livro desde Nova York no ano de 1882 com a seguinte frase: “A Chata, la buena madre de Ismael. Pepe” (MARTÍ apud PASCUAL, 2008, p. 189).

Para Amelia conserva-se uma dedicatória com mesma datação – Nova York, 1882 – que reflete a terna relação que Martí mantinha com a irmã: “A Amelia urna de esencia:- de su hermano Pepe” (MARTÍ apud PASCUAL, 2008, p.189).

“Yo soy un hombre sincero”

Do livro de poesia conhecido como *Versos Sencillos* conservam-se dezesseis dedicatórias escritas de próprio punho por Martí. O livro é um conjunto de quarenta e seis poemas escritos em maior parte durante agosto de 1890 quando Martí se encontrava nas montanhas de Catskill, Nova York, por conta de seu frágil estado de saúde.

O livro é impresso por primeira vez no ano de 1891 em Nova York e na página intitulada “Mis amigos saben”, que antecede os versos, Martí explica porque estão sendo publicados seus *Versos Sencillos* ao invés de outras composições como seus *Versos Libres* ou seus *Versos Cubanos*. É o afeto, a sensibilidade e a amizade que tornam público tais versos, pois a poesia cabe somente onde haja tais sentimentos sinceros. Vale ressaltar também que o livro tem dedicatória impressa ao amigo mexicano Manuel Mercado (1838-1909) e ao amigo uruguaio Enrique Estrázulas (1848-1905).

Se imprimen estos versos porque el afecto con que los acogieron, en una noche de poesía y amistad, algunas almas buenas, los ha hecho públicos. Y porque amo la sencillez, y creo en la necesidad de poner el sentimiento en formas llanas y sinceras (MARTÍ, 2007, p. 298)

Uma forma simples, afetuosa e sincera. Talvez seja essa uma das possíveis definições para se entender a escrita das dedicatórias. Para sua mãe, Leonor Pérez Cabrera, escreve num exemplar de *Versos Sencillos*:

A mi madre
Valiente y nobilísima: José Martí. (MARTÍ, 1963-1965, p. 521)

Apesar da dedicatória não estar datada sabemos que foi realizada nos últimos anos de vida de Martí, já que a publicação de *Versos Sencillos* se dá em 1891 e Martí morre no ano de 1895. Leonor Pérez Cabrera sempre fazia apelo para que o filho optasse por uma forma de viver que reservasse mais tranquilidade para ele e, em consequência, para o seu coração de mãe. Em carta, datada em 19 de agosto de 1881, de Leonor Pérez Cabrera para o filho, a mãe deixa clara sua certeza de que enquanto Martí estiver envolvido com a política e o jornalismo, diretamente ligados no século XIX, não terá tranquilidade. Leonor Pérez Cabrera acompanha desde os dezesseis anos do filho, quando é condenado ao presídio político seguido do desterro, passos de uma trajetória que envolve uma série de sacrifícios pessoais.

...y te acordarás de lo que desde niño te estoy diciendo, que todo el qe. se mete a redentor sale crucificado, y que los peores enemigos son los de su misma raza, y te vuelvo a decir, mientras tú no puedas alejarte de todo lo que sea política y periodismo, no tendrás un día de tranquilidad, y yo no viviré tal vez lo suficiente para tener el gusto de verte tranquilo vivir solo del trabajo de tus asuntos nada más, pues por mucha fortaleza que tengas ha de quebrantar tu salud la vida tan agitada que llevas hace tiempo (CABRERA apud PASCUAL, 2008, p. 112).

Para sua irmã Amelia está conservado também um exemplar do livro acompanhado de dedicatória escrita a mão por José Martí. Existem para a irmã quatro dedicatórias escritas

por Martí: três em livros e uma em fotografia, que seguem sempre o mesmo tom. De todas as dedicatórias conhecidas somente as destinadas às irmãs levam a assinatura afetuosa “Pepe”. No exemplar de *Versos Sencillos*, Martí lança para a irmã:

A Amelia –

Un jazmín como una estrella. del hermano Pepe (MARTÍ in Anuario Centro de Estudios Martianos v.11, 1988, p. 08).

Torna-se peculiar nas dedicatórias de Martí a dimensão da solidariedade e do companheirismo. É afeto na escritura martiana tanto as letras dedicadas para a mãe e irmãs distantes, como para jovens amigos a quem dedica e indica leituras ou aos companheiros que conhece durante a trajetória na luta pela independência de Cuba. Martí também escreve em um exemplar de *Versos Sencillos* uma dedicatória ao cubano Néstor L. Carbonell, pai de Eligio Carbonell a quem Martí também escreveu dedicatória já citada anteriormente. Para Néstor L. Carbonell, Martí já faz uso de outro recurso na dedicatória que escreve. Não é mais a relação de pai e filho que aparece com força na escrita e sim a dedicação pela pátria. A Néstor L. Carbonell Martí escreve com admiração e respeito: “A Néstor L. Carbonell: cubano fundador. Su José Martí” (MARTÍ, 1963-1965, p. 511).

Outro cubano que também residia nos Estados Unidos e compartilhou da amizade de Martí foi Néstor Ponce de León (1837-1899). Os laços entre Néstor Ponce de León e José Martí foram também estreitados, muito provavelmente, através de um intenso intercâmbio intelectual. Ponce de León residia em Nova York desde 1869 e ocupou na cidade uma função cultural central para a comunidade cubana tendo formado uma vasta biblioteca na qual Martí encontrou apoio para seu trabalho intelectual (MESA, 2002, p. 32). Em dedicatória a Ponce de León a pluma de Martí nos permite imaginar um agradável e espirituoso amigo:

“A Néstor Ponce de León, –que esconde mal la poesía bajo la risa. Su amigo José Martí” (MARTÍ, 1963-1965, p. 521).

Y antes de morirme quiero
Echar mis versos del alma.

É possível pensar a partir das dedicatórias o fortalecimento entre os laços do autor e seu destinatário. “A troca de correspondência vai fortalecendo laços e estabelecendo uma confiança para confidências e expressões de afetos que outros espaços talvez não favorecessem” (ROCHA in GÊNERO, 2012, p. 155). Apesar de Inês de Almeida Rocha estar

tratando de cartas escritas em um período distinto do analisado neste trabalho⁴, acredito que a troca de correspondência, seja ela em carta ou dedicatória, constrói uma ponte entre remetente e destinatário.

As dedicatórias permitem um distinto estreitamento de relações entre autor e destinatário que, além das palavras dedicadas, recebe algum regalo que possivelmente envolverá e tornará ativa sua recordação a cada vez que folhear um livro ou olhar uma fotografia que lhe foi dedicada.

De Cabo Haitiano, em plena campanha revolucionária e prestes a chegar a Cuba para se unir a guerra de independência, Martí envia uma bela dedicatória em livro para Carmita Mantilla y Miyares datada em abril de 1895. María e Carmen Mantilla y Miyares, a quem Martí refere-se carinhosamente como “mis niñas”, eram filhas de Carmen Miyares y Peoli e Manuel Mantilla y Sorzano. Dos anos que viveu em Nova York, Martí morou longo período na casa de hóspedes da cubana de ascendência venezuelana Carmen Miyares y Peoli com quem cultivou grande amizade.

À María e Carmita, Martí dedicou um carinho paternal tendo nos anos de 1894 e 1895, quando faz diversas viagens para os preparativos para a guerra de independência e quando viaja para lutar na contenda, dedicado para as meninas um diário – De Monte Cristi a Cabo Haitiano -, escrito belas cartas, além da seguinte dedicatória:

Carmita mía:

Te amo por tu sencillez, y porque aborreces, como yo, lo falso y lo inútil. Eres natural, que es ser buena y feliz.

Lee, conmigo a tu lado, este libro de la naturaleza.

Tu

Martí (MARTÍ, 1963-1965, p. 517)

Na publicação dessa dedicatória o livro não está especificado. Creio que essa carta dedicada à María e a dedicatória para Carmita formam um conjunto equilibrado dos anseios e sentimentos de Martí em relação as irmãs. Para Carmita diz “te amo por tu sencillez, y porque aborreces, como yo lo falso y lo inútil”. Para Martí ser natural é ser boa e feliz, assim como o é Carmita. Para María escreve na carta “tu alma es tu seda”. São conselhos sobre a simplicidade da vida que Martí tenta dialogar com María, então com quinze anos, e Carmita, com vinte e dois. Tanto na carta como na dedicatória é possível observar expressões de um intercâmbio intelectual que Martí realiza com Carmita e María através da indicação e envio de livros, além de conselhos sobre a formação intelectual de ambas.



Es como la elegancia, mi María, que está en el buen gusto, y no el costo. La elegancia del vestido,—la grande y verdadera, —está en la altivez y fortaleza del alma. Un alma honrada, inteligente y libre, da al cuerpo más elegancia, y más poderío a la mujer, que las modas más ricas de las tiendas. Mucha tienda, poca alma. Quien tiene mucho adentro, necesita poco afuera. Quien lleva mucho afuera, tiene poco adentro, y quiere disimular poco. Quien siente su belleza, la belleza interior, no busca afuera belleza prestada: se sabe hermosa, y la belleza echa luz. Procurará mostrarse alegre, y agradable a los ojos, porque es deber humano causar placer en vez de pena, y quien conoce la belleza la respeta y cuida en los demás y en si. Pero no pondrá en un jarrón de China un jazmín: pondrá el jazmín, solo y ligero, en un cristal de agua clara. Esa es la elegancia verdadera: que el vaso no sea más que la flor. Y esa naturalidad, y verdadero modo de vivir, con piedad para los vanos y pomposos, se aprende con encanto en la historia de las criaturas de la tierra (MARTÍ, 1963-1965, p. 219).

Escreve na carta que essa naturalidade e o verdadeiro modo de viver podem ser aprendidos por María y Carmita através da leitura do livro que envia sobre a natureza. É possível também observar inicialmente na dedicatória, e depois desenvolver tal percepção através da carta, que os livros, a leitura e a escrita aparecem para Martí como companheiros e, estando distante, são neles que sua presença e seu carinho se manifestam. Na dedicatória à Carmita escreve: “Lee, conmigo a tu lado, este libro de la naturaleza”. E para não alongar a distância mais do que a ausência física já impõe, Martí sugere na carta atividades relacionadas à leitura, ensino e tradução. São atividades que ocupam lugares intelectuais relevantes no século XIX, como a tradução e o ensino, que Martí utiliza como conexão entre ele e as duas moças. São em elementos da mesma matriz intelectual que Martí aporta sua lembrança constante de María e Carmita: “¿Quieres ver como pienso en ti,—en ti y en Carmita? Todo me es razón de hablar de ti, el piano que oigo, el libro que veo, el periódico que llega” (MARTÍ, 1963-1965, p. 216)

A atividade que indica para María é a tradução de dois livros do francês para o espanhol. Essas sugestões de leituras e traduções manterão fortalecidos os vínculos, pois, é o esforço e dedicação intelectual de María que a deixará conectada com Martí.

Y por el correo te mando dos libros, y con ellos una tarea, que harás, si me quieres; y no harás si no me quieres. —Así, cuando esté en pena, sentiré como una mano en el hombro, o como mi cariño en la frente, o como las sonrisas con que me entendías y consolabas; —y será que estás trabajando en la tarea, y pensando en mí. (MARTÍ, 1963-1965, p. 216)

É necessário pensar a tradução no século XIX como um lugar intelectual. É intenso o exercício da tradução em Cuba durante o século XIX. Esse esforço de tradução não está ligado diretamente em Cuba a uma indústria do livro, e sim a um momento de intensa agitação cultural relativo as ideias e pensamentos que aportavam na então colônia espanhola.

A pesquisadora Carmen Suárez León discute, em artigo publicado no Anuario del Centro de Estudios Martianos nº 25, sobre o lugar da tradução em Cuba no século XIX:

El siglo XIX – y me referiré sólo a Cuba – exhibe una constante labor de traducción, de ninguna manera destinada a una industria del libro o de las publicaciones periódicas que no existía, sino centrada en el estudio y ensanche del horizonte cultural cubano en un momento de incesante incorporación y asimilación de modelos de pensamiento, formas e ideas con las que encausar el propio universo existencial de los hombres ilustrados de la Isla y a través de ellos de toda la cultura de esa comunidad que se afirmaba así desde sus raíces más populares hasta sus estratos de pensadores y poetas (LEÓN apud Anuario del Centro de Estudios Martiano, 2002, p. 179).

A atividade de tradução que Martí indica para María é também pensando que com o livro bem traduzido – o livro sugerido é *L'Historie Générale* - haverá quem o imprima e que, porventura, a sua venda possa ajudar no sustento material da casa. Martí já havia realizado trabalhos de tradução, sobre os quais não iremos nos deter neste trabalho, e dá vários conselhos sobre as boas formas de realizar uma boa tradução, pois “la traducción ha de ser natural, para que parezca como si el libro hubiese sido escrito en la lengua a que lo traduces, que en eso se conocen las buenas traducciones”.

“La página al día, pues: mi hijita querida”, é um dos conselhos que dá à María. E, a cada linha, vai ensinando um caminho traçado entre afeto e leitura para sua querida menina. Dos papéis e da política, que sua mãe tanto desejou que Martí tomasse distância, pede que María aprenda com seu exemplo: “Aprende de mí. Tengo la vida a un lado de la mesa, y la muerte a otro, y mi pueblo a las espaldas:– y ve cuántas páginas te escribo”.

Na trajetória de Martí as letras do afeto, seja através de suas dedicatórias, cartas ou diários, são formadas no exercício de intercambiar ideias, pensamentos e sentimentos construídos a partir de sua experiência intelectual que toma conta das mais diversas expressões que sua trajetória contempla. O intelectual revolucionário sabe da possibilidade de não sair com vida da guerra de independência e, dessa forma, deixa na carta para María uma escrita que é possível pensar como testamento. É o livro que pediu para María traduzir o que deseja como lembrança caso não volte da guerra, deixando assim como expressão maior de força, a sensibilidade de um legado intelectual.

Y si no me vuelves a ver, haz como el chiquitín cuando el entierro de Frank Sorzano: pon un libro, el libro que te pido,–sobre la sepultura. O sobre tu pecho, porque ahí estaré enterrado yo si muero donde no lo sepan los hombres.–Trabaja. Un beso. Y espérame.

Tu
Martí (MARTÍ, 1963-1965, p. 220)

Referências Bibliográficas

Anuario Centro del Estudios Martianos - v. 11. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 1988.

GROSS, David González. **José Martí**: Cayo Hueso y Tampa. Honda - Revista de Sociedad Cultural José Martí, La Habana, nº 34, p. 26-28, 2012.

LEÓN, Carmen Suárez. **Martí**: traductor de textos, traductor de mundos. Anuario del Centro de Estudios Martianos, La Habana, nº 25, p. 177-190, 2002.

_____. **Una dedicatoria inédita**. Anuario del Centro de Estudios Martianos, La Habana, nº 29, p. 06-08, 2006.

MARTÍ, José. **Obras Completas**, v. 20. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1963-1965.

_____. **Obras Completas** Edición Crítica, v. 14. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2007.

_____. **Obras Completas** Edición Crítica, v. 15. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2007.

MESA, Enrique López. **La Comunidad cubanda de New York**: Siglo XIX. La Habana: Ala y Raíz, 2002.

PASCUAL, Luis Garcia (org). **José Martí**: documentos familiares. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2008.

ROCHA, Inês de Almeida. **Viver no feminino**: Escrita Epistolar de Liddy Chiaffarelli Mignoni para Mário de Andrade. Gênero, Niterói, v. 11, nº 1, p. 143-164, 2 sem., 2010.

Notas

¹ Não foi possível identificar o título do livro.

² O Centro de Estudios Martianos (CEM), localizado em Havana, Cuba, foi criado em 1977 com o propósito de auspiciar a pesquisa, o estudo e a difusão da vida, obra e pensamento de José Martí, assim como conservar a sua documentação e realizar a edição crítica de suas obras. Para mais informações: <http://www.josemarti.cu/>

³ Carmen Suárez León é pesquisadora do Centro de Estudios Martianos (CEM) tendo escrito nas últimas publicações do Anuario del Centro de Estudios Martianos sobre temas relacionados a José Martí como, por exemplo, Martí tradutor, as *Escenas Norteamericanas*, sobre o livro de poema *Ismaelillo*, reflexões sobre os *Cuadernos de Apuntes*, influência de Martí na obra de José Lezama Lima, além de notas sobre alguns manuscritos inéditos. Ver Anuario del Centro de Estudios Martiano nº 25, nº 26, nº 29, nº 30, nº 31, nº32 e nº 33.

⁴ Inês de Almeida Rocha trabalha no artigo “Viver no feminino: Escrita Epistolar de Liddy Chiaffarelli Mignoni para Mário de Andrade” com cartas datadas entre 1937 e 1945.